

Pão-de-ló para abutres

31 MAR 1990

EMIL FARHAT

De alguma leitura da distante juventude, ficou-nos a cena: os ferroviários parisienses detêm o expresso que trazia de Berlim o chanceler alemão Heinrich Bruening, destacam o vagão em que viajava o político germânico e, como homenagem à sua humildade, empurram o carro, no peito e no braço, por quase um quilômetro, até a gare.

É que, arrostando todas as críticas em seu país, Bruening, num gesto de tresloucada coragem moral, fora à França, pessoalmente, pedir perdão para o pagamento das reparações de guerra, da I Grande Guerra. Essas reparações eram o imposto decorrente do Tratado de Versalhes, pelo qual cabia ao povo alemão, a cada cidadão germânico, pagar as gigantescas despesas de reconstrução da França.

Por causa desses pagamentos, duas desgraças já marchavam duramente, a passo de ganso, na Alemanha derrotada: a mais astronômica inflação da História e as fúrias militares da revanche, organizadas e comandadas por um violento líder, ex-pintor de paredes e ex-cabo do exército, Adolph Schilkenbruger Hitler.

A situação na Alemanha era tão terrível, tão desastrosas seriam as consequências de um fracasso de



Dívida Externa
ESTADO DE SÃO PAULO

Bruening, que ele, segundo conta Pierre Van Paassen, em *Estes Dias Tumultuosos*, ao fim da discussão com o primeiro-ministro francês, vendo que este continuava negando o perdão, se ajoelhou a seus pés.

Bruening foi ao gesto extremo, absolutamente inusitado, porque sabia que, retornando derrotado, teria nos seus calcanhares a cainçalha agressiva e já hidrófoba do nazismo.

A um Bruening pacífico, ajoelhado, o governo da França preferiu correr o risco da opção que despon-tava: o nazismo (a trágica ironia desse incidente: o implacável primeiro-ministro francês que comandou a cena da negativa chamava-se Pierre Laval e viria a ser um dos líderes do colaboracionismo, quando as tropas nazistas ocuparam a França).

A dívida externa deve ser negociada em bloco

O novo presidente do Brasil, desconhecedor, certamente, do episódio Bruening, já anunciou que, sendo preciso, irá pessoalmente negociar com os nossos credores. Levará sua boa-fé, sua vontade de acertar, seu desejo de dar solução ao grave problema da dívida externa, numa tentativa romântica de diminuir a monstruosidade criada pela estupidez dos juros flexíveis, negociados ingenuamente com banqueiros inflexíveis.

Vai bater com a cara na porta. Como Bruening, no passado remoto, e o presidente Salinas, do México, em passado recentíssimo.

Tudo o que resultou da extraordinária série de pesadas medidas internas e de duras e longas negociações externas, algumas conduzidas pelo próprio presidente mexicano, foram magros percentuais de redução, que afrouxaram em quase nada a corda e o nó da dívida daquele país.

Já foi sugerido na nossa imprensa que o Brasil deve convocar todas as nações devedoras — pelo menos as latino-americanas — para negociar em bloco. É preciso fazer a união dos aflitos, comandada por nosso País. O próprio John Galbraith sugeriu essa opção abertamente, com todas as letras: negociação só à base de força (dos devedores reunidos) contra a força dos credores.

O governo norte-americano exibe sorrisos e boa vontade inegável. Mas está, ele próprio, às voltas com seus déficits, que tornam até ridículos os algarismos de nossa dívida externa.

É ingenuidade o novo presidente do Brasil pensar que, individualmente, terá melhor desempenho ou mais peso para negociar que o também novo presidente do México.

Mesmo que o presidente Fernando Collor reúna uma tonelada de argumentos que suponha irretorquíveis — jurídica, política, social e até eticamente —, indo sozinho em nome do solitário Brasil, seu esforço será como o de Bruening e o do presidente Salinas. Estará levando pão-de-ló para abutres.

Emil Farhat é jornalista e escritor